



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 18/07/2025 e 24/07/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
18/07/2025	10,27	274,00	55,82	5,46	4,08
21/07/2025	10,15	270,50	56,07	5,42	4,03
22/07/2025	10,10	273,80	55,63	5,49	3,99
23/07/2025	10,05	272,00	56,14	5,40	3,98
24/07/2025	10,04	269,70	56,67	5,41	4,01
Média	10,12	272,00	56,07	5,44	4,02

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	123,00	
RS – Não Me Toque	122,50	
PR – Pato Branco	122,00	
PR – M.C.Rondon	118,00	
MT – C.N.Parecis	110,00	
MS – Maracaju	118,00	
GO - Rio Verde	114,00	
BA – L.E.Magalhães	120,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	65,50	CIF
Porto de Paranaguá	64,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	62,00	
PR – M.C.Rondon	49,00	
PR – Pato Branco	55,00	
MT – C.N.Parecis	44,00	
MS – Maracaju	48,00	
SP – Itapetininga	59,00	
SP – Campinas	64,00	CIF
GO – Rio Verde	48,00	
GO – Jataí	48,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	78,00	
PR – M.C.Rondon	78,00	

Período: 23/07/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 24/07/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,05	124,45	70,17

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
24/07/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	66,06
Feijão (saco 60 Kg)	176,88
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,60
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,58**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,78

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Maio/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, em Chicago, considerando o primeiro mês cotado, viveu uma semana de constantes recuos, tendo fechado a quinta-feira (24) em US\$ 10,04/bushel, contra US\$ 10,21 uma semana antes.

A pressão da boa safra que transcorre nos EUA e a falta de novidades em relação a abertura de comércio entre EUA e China, a qual poderia melhorar as exportações estadunidenses para o país asiático, são alguns dos motivos.

Em relação à safra, as condições das lavouras de soja estadunidenses, no dia 20/07, se apresentavam com 68% entre boas a excelentes, 25% regulares e apenas 7% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, as exportações de soja, por parte dos EUA, na semana encerrada em 17/07, ficaram dentro do esperado pelo mercado, mas em volume relativamente baixo de 364.990 toneladas. Assim, em todo o atual ano comercial, as exportações estadunidenses da oleaginosa atingem a 46,8 milhões de toneladas. Esse volume é 10% maior do que o registrado em igual momento do ano anterior.

Enquanto isso, as importações chinesas de soja, com origem no Brasil, subiram 9,2% em junho, em relação ao mesmo mês do ano passado. A China importou 10,6 milhões de toneladas de soja do Brasil no mês passado, correspondendo a 86,6% do total de suas importações da oleaginosa no mês. Dos EUA, as compras ficaram em 1,58 milhão de toneladas, o que corresponde a 12,9% do total mensal e 20,6% acima do importado do país norte-americano em junho do ano passado. Assim, em junho/25 as compras totais de soja, por parte da China, atingiram a 12,26 milhões de toneladas, sendo este o maior volume para o mês de junho na história. O forte crescimento nas compras tem sido puxado pela safra recorde no Brasil, já que no primeiro semestre deste ano os chineses importaram 31,9 milhões de toneladas de soja de nosso país. Mesmo assim, um recuo de 7,5% sobre o mesmo período do ano passado. Já em relação aos EUA, com as compras antecipadas antes do início da guerra comercial imposta por Donald Trump, a China importou 16,2 milhões de toneladas, com aumento de 33% sobre o volume registrado no primeiro semestre de 2024 (cf. Alfândega Chinesa). Daqui em diante, muito destas compras e suas origens irá depender das negociações comerciais sino-estadunidenses.

Dito isso, os desafios são crescentes para o mercado da soja diante das tensões geopolíticas mundiais que se fazem presentes. Para 2025/26 há riscos logísticos, pressões inflacionárias e guerras comerciais que impactam e continuarão impactando os mercados em geral. Sem falar nos conflitos armados regionais. Assim, se a produção de soja for significativa, apoiada por clima positivo, as margens dos produtores e das empresas tendem a ser mais apertadas. Os custos de produção tendem a se manter elevados e os preços pressionados para baixo. O custo dos fertilizantes e dos fretes internacionais continuarão instáveis. Segundo estudos, a margem esperada para o produtor de soja brasileiro, que foi de 176,5% na safra 2020/21, pode cair para apenas 15,3% em 2025/26. Para arrendatários, o cenário é ainda mais desafiador. Considerando, por exemplo, a dedução de 15 sacos por hectare destinados ao pagamento do arrendamento, muitas contas já não fecham. O

sentimento é que a próxima safra brasileira de soja “será marcada por incertezas e margens estreitas” (cf. Biond Agro).

Enquanto isso, graças a prêmios um pouco mais firmes e exportações sustentadas, os preços no Brasil subiram um pouco, mesmo com um câmbio recuando para R\$ 5,52 durante a semana. A média gaúcha chegou a R\$ 124,45/saco e as principais praças registraram valores entre R\$ 122,00 e R\$ 123,00/saco. Nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 110,00 e R\$ 122,00/saco, igualmente registrando melhora.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, recuaram também nesta semana. O primeiro mês cotado voltou a romper o piso dos US\$ 4,00/bushel, chegando a US\$ 3,98 no dia 23/07 e fechando a quinta-feira (24) em US\$ 4,01, contra US\$ 4,02/bushel uma semana antes.

O bom andamento da nova safra estadunidense é um dos motivos. As condições das lavouras de milho, nos EUA, no dia 20/07, se apresentavam com 74% entre boas a excelentes, 20% regulares e apenas 6% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, os embarques estadunidenses do cereal, na semana encerrada em 17/07, ficaram abaixo do esperado pelo mercado, atingindo a 983.625 toneladas. Com isso, o total exportado pelos EUA, no atual ano comercial, chega a 58,8 milhões de toneladas, ainda 29% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil os preços continuam com viés de baixa, na medida em que a safrinha vai entrando. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 62,05/saco, enquanto as principais praças se mantêm em R\$ 60,00. Nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 44,00 e R\$ 62,00/saco.

Segundo analistas privados, o total colhido no país, até o início da presente semana, chegava a 53,3% da área semeada, contra 77,3% em igual momento do ano anterior e 57,7% na média histórica (cf. Pátria Agronegócios). Já a Conab avança um colheita de 55,5% da área até o dia 20/07, contra 79,6% no mesmo período do ano passado e 60,6% na média histórica. E levando-se em conta apenas o Centro-Sul brasileiro a colheita atingia a 55% da área no dia 17/07, contra 82% um ano atrás (Cf. AgRural)

Já a produção total de milho no Brasil está com projeções em crescimento, podendo ficar entre 136 e 150 milhões de toneladas, sendo que a safrinha poderá ficar entre 105 e 110 milhões.

Especificamente no Mato Grosso, a colheita teria chegado a 77,3% da área, na entrada da presente semana, contra a média histórica de 86,8% (cf. Imea). E no Paraná, segundo o Deral, a colheita da safrinha atingia a 53% da área semeada, sendo que 16% do que faltava colher continuavam em situação ruim.

Enfim, as exportações de milho brasileiro, nos primeiros 14 dias de julho, atingiram a 900.167 toneladas, sendo este volume apenas 25,3% do total exportado em todo o mês de julho do ano passado. Com isso, a média diária, em relação a julho/24, é de um

recuo de 58,4% nos volumes exportados. Dito isso, o ritmo das vendas externas está melhorando. Por outro lado, o preço médio pago por tonelada avançou 9%, saindo de US\$ 197,20 em julho de 2024 para US\$ 214,90 até agora, em julho de 2025.

MERCADO DO TRIGO

O primeiro mês cotado, em Chicago, apresentou um viés de alta para o trigo nesta semana. O fechamento da quinta-feira (24) ficou em US\$ 5,41/bushel, contra US\$ 5,33 uma semana antes.

Por sua vez, a colheita estadunidense do trigo de inverno, no dia 20/07, atingia a 73% da área semeada, contra 72% na média histórica. Já o trigo de primavera se apresentava com 16% das lavouras entre ruins a muito ruins, outros 32% estavam regulares e 52% estavam entre boas a excelentes.

Enquanto isso, os embarques de trigo, por parte dos EUA, na semana encerrada em 17/07, superaram as expectativas do mercado, totalizando 732.290 toneladas. Com isso, o total exportado no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, chega a 3,02 milhões de toneladas, sendo 14% maior do que o realizado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, enquanto o plantio da nova safra está praticamente encerrado, com confirmação de redução importante na área e na expectativa de produção, os preços ainda não reagem. As principais praças gaúchas, para o produto de qualidade superior, continuaram praticando os R\$ 70,00/saco, enquanto no Paraná o preço se manteve em R\$ 78,00. Os compradores nacionais continuam dando preferência ao trigo importado.

De forma geral os moinhos localizados no litoral brasileiro vêm recebendo trigo importado de alta qualidade a preços semelhantes aos praticados no interior do país. Soma-se a isso o fato de que a colheita foi antecipada no Centro-Oeste, aumentando a oferta no mercado nacional.

Dito isso, com uma produção brasileira menor e risco de qualidade mediana, devido a intempéries, por enquanto especialmente no Paraná, existe a possibilidade concreta de os preços melhorarem para 2026, especialmente em fevereiro/março. Essa situação ganhará ainda mais força se houver uma desvalorização do Real e/ou os preços internacionais voltarem a subir, algo que ainda não se pode prever. Para analistas privados, caso da TF Agroeconômica, “quem precisa vender os grãos deve manter a cautela e aguardar melhores condições. Já os compradores devem agir rapidamente para aproveitar as oportunidades atuais”.

Enfim, não se pode esquecer do comportamento da safra da Argentina, a qual está projetada em 20 milhões de toneladas, o que permitiria o vizinho país exportar 13 milhões. Em a mesma vindo cheia, as compras brasileiras na Argentina podem impedir grandes avanços nos preços. Além disso, a produção mundial de trigo está sendo projetada em elevação para 2025/26. O recente relatório do USDA indicou um volume de 808,6 milhões de toneladas, com avanço de 1,1% sobre o colhido no ano anterior.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que o mercado de trigo nacional está cauteloso, acompanhando o clima e aguardando a entrada da nova safra, a partir de setembro pelo Paraná. Lembrando que não basta apenas volume, é preciso ter qualidade do grão para que o mesmo realmente se valorize no mercado.